

■ POR UM LUGAR NA URNA

Candidatas de legendas de menor representação lutam contra falta de recursos na divisão do Fundo Eleitoral, pouco ou nenhum tempo de TV e a necessidade de ganhar votos "na raça"

PEQUENOS PARTIDOS, ENORMES DIFICULDADES



As candidatas no governo de Minas Vanessa Portugal (PSTU), Indira Xavier (UP) e Lorene Figueiredo (Pso) em corpo a corpo com eleitores: recursos restritos, equipes pequenas e pé na estrada para conquistar votos

Ígor Passarini

Na eleição do generoso Fundo Eleitoral fixado em cerca de R\$ 5 bilhões, um abismo divide dois blocos de candidatos que fazem campanha pelo governo de Minas Gerais. De um lado estão os concorrentes ligados aos maiores partidos do país, com tempo de TV e muitos recursos do "Fundo" para bancar viagens de arião pelos quatro cantos do estado, comprar material de apoio e contratar grandes equipes. Do outro, os que têm direito a recursos mínimos e contam basicamente com a sola do sapato, panfletos, megafone na mão e muita saliva para apresentar seus projetos e tentar conquistar o voto do eleitor.



frontam a realidade de chegar para o corpo a corpo com eleitores e mal ser identificados, ou serem confundidos com algum candidato a deputado.

Na lista dos que correm atrás do eleitor com muito suor e pouco dinheiro estão as cinco mulheres candidatas ao governo do estado: Indira Xavier (UP), Lorene Figueiredo (Pso), Lourdes Francisco (PCO), Renata Regina (PCB) e Vanessa Portugal (PSTU). Além delas, há o Cabo Tristão, que disputa o pleito pelo Partido da Mulher Brasileira (PMB).

Reunidas em pequenas comitês, quase sempre com menos de 10 inte-

grantes, as candidatas ao governo de Minas Gerais dedicam boa parte da campanha a caminhar pelas ruas de cidades como Belo Horizonte, Contagem, Divinópolis, Iuiú de Fora, Montes Claros e outros municípios estratégicos. Em um estado do tamanho da França, o deslocamento é um dos principais desafios enfrentados por esses partidos.

"Minas é um estado de grandes dimensões, com uma locomoção difícil, visto que as estradas estão bastante deterioradas e não existem outras alternativas de transporte. Então, a correria de uma campanha como a nossa, em que temos que nos deslocar para estar em lugares distintos, é sempre um elemento de tensão", disse Vanessa Portugal.

No trajeto entre duas escolas municipais, de Belo Horizonte e Contagem, a candidata a governadora das principais ruas do Bairro Cór Azul, na Regional de Venda Nova, na capital. Ao conversar com eleitores e entregar material de campanha, Vanessa enfatizou que estava ali não só para pedir votos, mas também para apresentar suas propostas e as do partido, em

âmbito estadual e nacional.

Indira também destaca a dificuldade de logística. "É a campanha do tostão contra a do milhão. Temos colocado nas ruas panfletos e adesivos. Material que faz a apresentação das nossas propostas, numa campanha popular, olho no olho, conversando e ouvindo as pessoas", disse. De acordo com ela, fazer campanha em Minas é gratificante, por ser um estado com diversidade regional e cultural gigantesca, que nunca foi governado por uma mulher.

"Quando eu estava panfletando no restaurante popular do Barreiro, uma senhora me abordou, pegou o panfleto e falou: 'Olha, eu vi rapidamente divulgando a sua candidatura na TV, me identifiquei com você, porque vi verdade no que você estava falando. Falava com o coração'", relatou a candidata.

■ CAMPANHA ATRÁS POR FALTA DE VERBA

Dificuldades provocadas por restrições financeiras são presença constante tam-

bém na agenda de campanha da candidata do Partido da Causa Operária, Lourdes Francisco. Por causa delas, o concorrente só iniciou o corpo a corpo nas ruas em setembro, pois estava aguardando o material de divulgação chegar das gráficas. "Nossa dificuldade principal se deve ao embargo da nossa verba de campanha, que não teve recursos para a produção dos panfletos e adesivos, além de já termos a menor verba de todas", afirmou.

Já Lorene Figueiredo, que viralizou após dizer que governador Romão Zema (Novo) era a versão pão de queijo do presidente Jair Bolsonaro (PL), revelou o apoio que recebeu após a participação em um debate com todos os demais candidatos sendo homens. "Após um debate, uma mulher mais velha, Joana, me falou sobre a importância de ter uma mulher feminista de cabelos brancos enfrentando aqueles homens machistas. Aquelas mulheres misóginas, que não gostam de mulheres. Falou para torcer e continuar defendendo um estado sem fome, pois vamos chegar juntas, e ainda derrotar Bolsonaro e eleger Lula", declarou.



Renata Regina (PCB), Lourdes Francisco (PCO) e Cabo Tristão (PMB), que também disputam o Executivo estadual: restrições legais de acesso a recursos e tempo de TV tornam a divulgação de ideias um desafio diário

Financiamento público manteve desigualdades

Enquanto os quatro candidatos ao governo de Minas Gerais que lideram as pesquisas de intenção de voto têm direito a maior fatia do Fundo Eleitoral, sete partidos também dominam o tempo do horário no rádio e na TV, com um total de oito minutos e 51 segundos em cada programa. As condições de disputa do atual governador e candidata à reeleição, Romão Zema (Novo), do ex-prefeito de Belo Horizonte Alexandre Kalil (PSD), do senador Carlos Viana (PL) e do ex-deputado federal Marcus Pestana (PSDB) motivam queixas entre os concorrentes filiados a partidos de menor expressão.

"O próprio processo eleitoral é uma demonstração de como a nossa democracia é falha. Nós lutamos muito por financiamento público de campanha, mas agora vão gastar bilhões com isso, o que é um absurdo. É claro que o estado tem que financiar para que todos tenham condições iguais, mas não é financiar para que candidatos comprem votos e tenham condições completamente diferenciadas. O valor total é exagerado e a distribuição é um absurdo completo, afirmou Vanessa Portugal, do PSTU.

"Infelizmente o processo eleitoral não

é justo, não é democrático e não garante ao partido do povo ter o mesmo tempo de rádio e TV além do financiamento público. Dificulta, mas não é um impedimento porque nós seguimos na rua conversando olho no olho com o povo, com as mulheres, com a juventude", completou Indira Xavier (UP).

Renata Regina, que concorre pelo PCB, considera que um dos principais desafios é o respeito antidemocrático do processo das eleições no Brasil. "É chamada festa da democracia, mas tem uma série de mecanismos que comprometem a participação na disputa eleitoral, principalmente das organizações comprometidas com a classe trabalhadora, que se autofinanciam, que não aceitam financiamento de empresários. E a gente ainda tem uma legislação que nos destina um valor ínfimo do Fundo Eleitoral, apesar de terem bilhões sendo destinados a isso", criticou.

Segundo a candidata, depois da última reforma, o partido ficou sem tempo de participação no horário eleitoral gratuito, o que comprometeria a capacidade de diálogo pela reportagem, demonstrou uma preocupação diferente das que foram relatadas pelas demais candidaturas ao Palá-

cio Tiradentes. "Tem as dificuldades naturais como toda campanha, mas está caminhando bem. O principal desafio é conseguir mostrar para a população de Minas Gerais, de forma clara e objetiva, que ele tem o melhor projeto para o governo do estado", disse a assessora de Comunicação.

■ A POSIÇÃO DE CADA UM

No último levantamento do Instituto FS Atualiza Dados, divulgado com exclusividade pelo EM em 2 de setembro, o governador Romão Zema (Novo) apareceu com 47,8% das intenções de voto e o ex-prefeito Alexandre Kalil (PSD) com 30,9%. A terceira colocação era ocupada pelo senador Carlos Viana (PL) com 1,1% e a quarta pelo ex-deputado federal Marcus Pestana (PSDB) com 1,1%. Na sequência aparecem Renata Regina (PCB) com 0,9%; Vanessa Portugal (PSTU) com 0,5%; Lorene Figueiredo (Pso), com 0,3%; e Cabo Tristão (PMB), com 0,2%. Indira Xavier (UP), Lourdes Francisco (PCO) não pontuaram. O FS fez 1.625 entrevistas entre 29 de agosto e 7 de setembro. A pesquisa foi registrada no TSE sob os números MG-03242/2022 e BR-01335/2022.

■ AS REGRAS DO JOGO

HORÁRIO ELEITORAL

● O tempo de cada legenda ou aliança foi definido no Plano de Mídia das Eleições 2022, aprovado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE). De acordo com os regras, só tem direito ao horário eleitoral os partidos políticos que obtiverem pelo menos 3% dos votos válidos nas últimas eleições para o Câmaras dos Deputados, distribuídos em pelo menos um terço das unidades da federação, com um mínimo de 2% dos votos válidos em cada uma delas. Outra possibilidade é terem eleito 15 ou mais deputados federais em pelo menos um terço das unidades do federação.

FUNDO ELEITORAL

● Criado em 2017 para suprir os doçores antes feitos por empresas, mas proibidos pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em 2015, o Fundo Eleitoral é distribuído nos anos de eleição. Em 2022, o valor destinado pelo TSE aos 32 partidos políticos vai ser de R\$ 4,9 bilhões. A divisão dos recursos é feita da seguinte forma: 2% são destinados quantitativamente entre todos os partidos; 35% são divididos entre os siglas que tenham pelo menos um representante na Câmara dos Deputados; 48% são fracionados entre os partidos conforme o número de representantes no Casa e 15% são divididos na proporção do número de representantes no Senado.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Política **Página:** 5